



## O banquete de Manuelzão

*Manuelzão's feast*

**Maria da Glória Bordini**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS – Porto Alegre - Brasil



**Resumo:** A novela “Uma estória de amor”, de Guimarães Rosa, pode ser interpretada como uma consideração filosófica sobre a existência e sua finitude, e sobre os trabalhos do amor, se comparada com *O Banquete*, de Platão, e sua teoria da natureza e qualidade de *Eros*. Vários críticos atestam as leituras de Platão por Rosa, e uma abordagem comparativa entre os dois textos revela o reflexo das ideias platônicas ficcionalizado ao longo da festa de Manuelzão, concorrendo para produzir um comovente relato da complexidade e contradições do amor entre o povo simples do sertão.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa. Platão. *O Banquete*. *Eros*. Existência e finitude.

**Abstract:** Guimarães Rosa's short story “Uma estória de amor” can be interpreted as a philosophical consideration on existence and its finitude, and the workings of love, if compared with Plato's *Symposium*, and his theory of the nature and quality of *Eros*. Several critics attest Rosa's readings of Plato, and a comparative approach between both texts reveals the reflection of Plato's ideas fictionalized in the course of Manuelzão's feast, concurring to produce a moving account of the complexities and contradictions of love among simple people of Sertão.

**Keywords:** Guimarães Rosa. Plato. *Symposium*. *Eros*. Existence and finitude.



Da novela “Uma estória de amor (Festa de Manuelzão)” (ROSA, 1972), publicada inicialmente em 1956 em *Corpo de Baile*, afirma Luiz Fernando Valente que ela seria uma “metapoética” da obra rosiana, em que a ficção se introduz “nos interstícios entre ordem e a desordem, a lei e o desejo, o masculino e o feminino, o profano e o sagrado, o mundano e o utópico, a esfera do referencial e a esfera do suprasenso” (2011, p.130). Se os atos de ficção, na acepção de Wolfgang Iser (1999), supõem a seleção de elementos da experiência, sua combinação em novas estruturas, que são recebidas como se fossem reais, é possível detectar uma liminaridade entre essa novela e a tradição platônica lida por Guimarães Rosa, compreendendo a “festa de Manuelzão” como uma reflexão de caráter filosófico sobre a existência e a finitude e, nelas, o papel do amor, como Platão o concebe em seu *Simpósio* (sobre a intertextualidade de Rosa com a filosofia platônica, cf. SPERBER, 2006 e MARINHO, 2002).

Lida da perspectiva do *Simpósio*, a discussão sobre Eros, no texto de Guimarães Rosa, vai até onde pode chegar o amor no mundo dos homens, embora para Platão o percurso devesse atingir o mundo das ideias. Num tempo em que não se acredita em essências, ingressar nessa reflexão evidencia que em Guimarães Rosa há matéria talvez não para a metafísica, mas para uma peculiar ontologia existencial.

O que autoriza que se pense numa intertextualidade possível entre as duas obras são determinadas similaridades, coincidências que convocam uma interpretação através da dialética platônica. Se, no caso de Platão, há um banquete que reúne amigos em torno de Ágaton, o tragediógrafo, e de Sócrates, o filósofo, por motivo do prêmio pela primeira tragédia daquele, no de Guimarães a festa atrai toda sorte de gente dos chapadões para a inauguração de uma capela erigida em homenagem à mãe do protagonista, D. Quilina.

Em ambos os casos, a festa possibilita o conhecimento do amor, da sua carnalidade à sua essência. No diálogo que se trava entre os convivas de Ágaton, trata-se de louvar o deus Eros, seus

benefícios e sua natureza. Nas rumações de Manuelzão, o anfitrião da festa na Samarra, a questão é entender o que se passa com um solteirão, a caminho da velhice, que sente a morte se apressando e contempla enternecido e desejoso a nora Leonísia, casada e feliz com seu filho enjeitado: “a mulher de Adelço, Leonísia, era boa, uma sinhá de exata, só senhora. Aquela tinha sinal de um sabido anjo-da-guarda – pelo convívio que ela encorajava, gerência de companhia” (ROSA, 1972, p. 114). E nos dois textos há as figuras de um homem, Sócrates/Camilo e uma mulher Diotima/Joana que orientam a jornada para esse conhecimento do amor absoluto.

No *Simpósio*, Fedro defende que Eros é o mais antigo dos deuses, nascido do Caos, ao mesmo tempo que a Terra. Para ele, o amor impede os homens de agirem desonradamente, incentivando a virtude. Diz que “O Amor fará os homens desafiarem a morte por seus amados – só o amor; e tanto as mulheres quanto os homens.” (PLATO, s.d., p.308). Na festa de Manuelzão, o amor reprimido a bem da decência do soberano capataz pela nora o impede de apaixonar-se e o leva a indagar a natureza desse sentimento tão poderoso que pode unir duas pessoas tão destituídas de tudo como Camilo e Joana e que pode vir a fazê-lo aceitar Adelço, o filho amargo e renitente, “um homem esperando para ser ruim” (ROSA, 1972, p.114).

No *Simpósio*, Pausânias se opõe ao louvor indiscriminado a Eros, pois defende a noção de que há mais de um amor, e o que merece louvor é o celestial, inseparável de Afrodite, filha de Urano. O segundo, terreno, pertence a todos, homens inferiores, mulheres e jovens, e provém mais do corpo do que da alma. O primeiro, como se origina de um nascimento onde o feminino não teve parte, é mais elevado: é o que leva os jovens a procurarem os homens mais valorosos e inteligentes, pois estes não amam meninos, mas seres em que a razão está se desenvolvendo.

Na festa de Manuelzão, essa espécie de amor de um homem por outros homens é insinuada pela recusa de Manuelzão em casar-se, com a desculpa

de que precisa fazer valer seu poderio sobre as terras de seu patrão, Federico Garcia, de modo a angariar o respeito do povo da chapada por suas realizações. Outro dado que se associa a um pendor homossexual no protagonista está em que suas amizades e admirações incidem sobre homens, os vaqueiros mais hábeis e bravos, ou os senhores mais nobres da região – e elegantes, como o senhor de Vilamão e seu chapéu *cavour*, que ele inveja. Ele tem certa propensão a avaliar com mais benevolência Promitivo, o irmão de Leonísia, belo como ela, do que o próprio filho. E teme que as mulheres tomem conta de sua festa, coisa que não admite e não compreende. Além disso, há ao cair da noite a récita do romance do Príncipe e Dom Varão, uma princesa disfarçada de homem (semelhante a Diadorim), com ares shakespearianos de *As You Like It*.

O terceiro conviva do *Simpósio*, Erixímaco, o médico, declara que a medicina comprova haver no corpo dois tipos distintos de amor, os que o organismo considera bons e saudáveis e os que são maus e devem ser desencorajados porque levam à doença. Assim como na música, que concilia sons opostos, produzindo a harmonia, também na medicina e em todas as coisas humanas e divinas, rege o princípio de Heráclito da unidade na desunião. Em todas as coisas, humanas ou divinas, estão presentes as duas espécies de amor, que devem ser harmonizadas para não se tornarem danosas.

Na novela de Guimarães Rosa, essa arte médica do Amor transparece nos cuidados de Leonísia quanto ao sogro – ela cuida de seu pé ferido e se preocupa com seu cansaço, e sua própria presença é para Manuelzão o bálsamo de que necessita para enfrentar o temor da morte, que sente próxima. De igual modo, o aperceber-se do respeito com que o tratam em sua festa comove-o e o auxilia a superar a impressão de inferioridade que o acossa desde os tempos de infância pobre junto ao pai, no Mais.

O princípio da unidade na desunião é dado pela festa, que reúne as pessoas mais díspares e rudes, num banquete e baile sem fim, sem qualquer conflito ou briga. As atenções de Manuelzão para

com todos, sua generosidade e acolhida, apesar de sua vontade de fazer-se valer sobre todos, exemplificam o que Erixímaco quer defender ao dizer que “o amor, mais especialmente, que se ocupa com o bem, e que é aperfeiçoado em par com a temperança e a justiça, seja entre deuses ou homens, tem o maior poder, e é a fonte de toda nossa felicidade e harmonia, e nos torna amigos dos deuses que estão acima de nós, e uns dos outros.” (PLATO, s.d., p. 315).

Mais complicada no *Simpósio* é a teoria dos três sexos, um masculino, um feminino e um andrógino, de Aristófanes. Em tom de facécia, ele fala da redondez original dos humanos, que, ameaçando dominar os deuses, são por Zeus castigados e cortados em duas metades. As duas metades, porém, só queriam abraçar-se e voltar a ser unidas, de modo que negligenciaram a si mesmas e nada mais faziam. Diante disso, Zeus transpôs as partes gerativas para a frente, de modo que os homens geravam nas mulheres e a raça podia continuar, ou buscavam outro homem, acalmavam-se e iam cuidar da vida: “E a razão é que a natureza humana era originalmente uma e éramos um todo, e o desejo e busca do todo é chamado amor.” (PLATO, s.d., p. 318-319).

Apesar do elemento cômico característico de Aristófanes, sua concepção do amor como busca da cara metade empresta implicações sutis à novela de Guimarães Rosa. Toda a ânsia de Manuelzão por fazer-se o grande senhor de Samarra, seu trabalho duro, a construção da casa em meio à rudeza da chapada, seu cuidado com o gado do patrão, de que tem uma pequena parte, suas tentativas de igualar-se aos grandes fazendeiros, a imposição de sua vontade sobre as gentes humildes da região, indiciam uma falta, que essas tentativas não preenchem. Essa falta é de Leonísia, a formosa inalcançável, assim como é, edipianamente, de sua mãe, D. Quilina. Quando, ao final de sua festa, embalado pelos versos do *Romanço do Boi Bonito*, decide levar ele mesmo a boiada, após a demonstração de apreço do filho que ele desprezava, parte dessa falta é preenchida. O deus Amor não lhe concede a outra metade, mas lhe dá forças para não se render à idade e ao temor.

No *Simpósio*, Ágaton, no processo dialético habitual em Platão, refuta Fedro em sua tese de que o Amor é mais velho do que Cronos. Para o poeta, Eros é sempre jovem e terno, origem da paz e doçura. Ele não pisa sobre a terra, nem sobre os duros crânios humanos, mas nos macios corações e almas dos deuses e homens. É justo, não aceita o erro, seja nos deuses ou nos homens, é moderado, pois nenhum prazer o domina, corajoso, pois submete até Marte, e sábio, um poeta, pois ninguém infunde poesia aos outros sem tê-la em si, e é também um fador de poetas, um artista que cria a ordem, pacífica, salva.

Na festa de Manuelzão, quem figura esse Eros que anda maciamente sobre os corações e mentes, é o narrador da novela, que gradualmente se deixa fascinar pelo mundo agreste, de uma beleza luminosa, dos sertões de Minas. Ele passa de uma posição mais distanciada, inicial, para uma fusão com a personalidade reflexiva de Manuelzão, olhando ao redor com seus olhos algo cansados e apreensivos, embebidos de pequenas ambições e desejos inconfessos. Partícipe cada vez menos distanciado da festa, ele capta a diversidade e a miséria daquele povo, de seus costumes e linguagem, que transforma, fazendo-a única, até dissolver-se nas figuras de Camilo, o velho sábio, a entoar suas quadras e enigmas, de Joana, a sedutora contadora de histórias rimadas, e na dos cantadores que animam a festança ao som dos músicos de seo Vevelho. A própria festa, centro agregador de todos os elementos da narrativa, fica, pela atitude amorosa do narrador ante sua narração, impregnada de um encantamento, de uma progressiva compreensão do humano, a provar que, como sustenta Ágaton, “aquele que o Amor toca não caminha nas trevas.” (PLATO, s.d., p. 322-323).

A essas palavras, Sócrates se opõe, perguntando a Ágaton se o amor é amor de algo ou de nada. Se ele deseja aquilo que ama, é porque não possui o que ama, então se deseja algo é porque lhe falta algo. Para ilustrar essa tese, Sócrates reconta uma lenda que ouviu de Diotima de Mantinea, uma sábia mulher que o instruíra na arte do amor. Se Eros precisa do bem e do belo, não pode ser um dos

deuses, já que estes possuem o bem e a beleza. Sua tese é que é um intermediário entre os mortais e os imortais, um *daimon*. Filho da Plenitude (Poros) e da Pobreza (Penia), teria sido concebido numa festa de Afrodite, a mais bela deusa e por isso persegue a beleza. Como está sempre oscilando entre plenitude e carência, não é sábio, mas ama a sabedoria.

Essa posição de Diotima parece ajustar-se à de Manuelzão em relação a seu amor por Leonísia. Sem poder explicar a si mesmo como pode estar enamorado da mulher de seu filho, uma mulher que excede a beleza e a virtude das outras mulheres que conhece ou com quem teve ligeiras aventuras, logo descartadas para não sucumbir a seus encantos, Manuelzão oscila entre plenitude – o poder contemplar Leonísia – e carência – o não poder tê-la. Daí o outro paradoxo em que seu espírito se debate, de como Camilo e Joana podem amar-se, sendo tão sem eira nem beira, e ele, que é o respeitado senhor de Samarra, capaz de dar uma festa como nunca se viu na região, não pode. Acresce o fato de que, na comparação com o casal Camilo-Joana, encantadores de homens com suas ficções, e sem a mínima noção da magia com que os enredam, ele só pode ficar na posição de receptor, por mais que saiba fazer crescer uma fazenda e tocar boiadas.

A essa altura do diálogo socrático, o amor é caracterizado como produtor de felicidade, com potência criativa. Para Diotima, o amor é o amor da posse permanente do bem. Os que ficam grávidos só no corpo, têm filhos na esperança de que terão preservada sua memória, na ânsia de transcenderem a mortalidade. Mas quando as almas engravidam, concebem sabedoria e virtude, como os poetas e os legisladores e se igualam aos imortais.

Aqui, outra vez, o tema do amor se torna mais intrigante em Guimarães Rosa, se visto na ótica platônica. Se a novela se chama “Uma estória de amor”, cabe a pergunta: que história de amor? No texto há no mínimo duas, a de Manuelzão por Leonísia e a de Camilo por Joana. Ou três, contando-se a de Adelço por Leonísia. Ou cinco, se entrar a do Príncipe com Dom Varão e da Destemida e seu marido, que mata por amor a vaca Cumbuquinha

preferida de seu patrão. Nas duas primeiras pode-se reconhecer o impulso para a procriação, frustrado, o que não acontece na terceira, pois o casal Adelço-Leonísia tem sólida descendência. Na quarta, não há filhos e na última fica em suspenso a punição pelo mal-feito de Destemida. De modo que sobressaem os casos de Manuelzão e de Camilo, pois ambos estão encaminhados para a velhice e não podem ter sua imortalidade garantida pelos filhos com aquelas que amam. Manuelzão não gerará descendentes em Leonísia, devendo se contentar com os netos, mas passa a festa praticamente inteira a desagradar-se do filho e das suas buliçosas crianças. Camilo, no final, confessa que sua tristeza advém da separação forçada por Manuelzão em relação a Joana, que o impede de ter um filho, ele que já está velho. Assim, a felicidade do corpo é negada a ambos, e a da alma existe só para Camilo, que sabe urdir seus enigmas em verso: “não construía a cara dos outros no espelho. Só se a gente guardasse de retentiva cada pé-de-verso, então mais tarde era que se achava o querer solerte das palavras, vindo de longe, de dentro da gente mesmo” (ROSA, 1972, p.129).

Diotima, entretanto, não se contenta com a definição do amor como impulso à procriação, seja carnal ou espiritual. O percurso daquele que ama deveria ir da busca “das belas formas a belas práticas, e destas para belas noções, até chegar à noção da beleza absoluta [...] essa é a vida acima de todas as outras que o homem deveria viver, na contemplação da beleza absoluta” (PLATO, s.d., p.335).

Pode-se presumir que, quando Manuelzão supera seu ciúme por Adelço, aceita a impossibilidade de amar Leonísia, e decide que é melhor continuar na festa com suas histórias do que sair com a boiada de imediato. Quando reconhece que o trabalho não é tudo, mas que merece o descanso na música, no luar, na boa comida, que “festa não é pra se consumir – mas para depois se lembrar...” (ROSA, 1972, p. 193), ele alcança um estado de reconciliação consigo mesmo e de iluminação interior que se assemelha à contemplação

do belo em sua essência, como advoga a Diotima de Sócrates.

Manuelzão precisa viver a festa, dialogar consigo mesmo e com seus convidados, para chegar a compreender o que lhe falta e enfrentar seus sentimentos ante o amor proibido e a morte. Na peculiar dialética da narrativa, os ecos do diálogo de Platão se entrelaçam com o *modus faciendi* de Guimarães Rosa, que provoca, com o seu “como se”, um comovido questionamento da essência do amor com uma simples história de amor entre os simples.

## Referências

- ISER, Wolfgang. Mimesis/Emergência. In: ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). *Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1999.
- MARINHO, Marcelo. *Platão, Rosa, o tecelão e seu texto: analogias discursivas entre Crátilo e o bardo Riobaldo*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 257-263, 1º sem. 2002
- PLATO. Symposium. In: \_\_\_\_\_. *The dialogues of Plato*. Transl. by B. Jowett. New York: Random House, s.d. v.1. p. 301-345.
- ROSA, Guimarães. Uma estória de amor: festa de Manuelzão. In: \_\_\_\_\_. *Manuelzão e Miguilim*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- SPERBER, Suzi Frankl. *As palavras de chumbo e as palavras aladas*. FLOEMA, v.2, n. 3, p. 137-157, jan.-jun. 2006.
- VALENTE, Luiz Fernando. *Mundivivências: leituras comparativas de Guimarães Rosa*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

**COMO CITAR ESSE ARTIGO**

BORDINI, Maria da Gloria. O banquete de Manuelzão. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 74, may 2017. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/8573>>. Acesso em: \_\_\_\_\_. doi: <http://dx.doi.org/10.17058/signo.v42i74.8573>.